

EVIDÊNCIAS DA TRANSPOSIÇÃO URBANA NA CONTÍSTICA RAWETIANA

Natalia Klidzio (UMCS)¹

Resumo: Este artigo apresenta o resultado do estudo da biografia de Samuel Rawet e uma reflexão sobre como seus contos sinalizam a internalização da condição humana observada pelo autor nos ambientes das cidades de sua itinerância: Klimontów, Rio de Janeiro e Brasília. Vida, perda, solidão, rompimentos, espera, isolamento, lembranças, rua, andar, olhar, são as atenções e experiências motoras para a criação contística contemporânea rawetiana.

Palavras-chave: Rawet; condição humana; cidade; territorialidade

Samuel Rawet surgiu com a sua produção contística tiveram no momento em que o acento e a presença dos imigrantes europeus era vistos no cotidiano das cidades brasileiras. Ele saiu de Klimontów, da Polônia, no período entre as guerras. O traslado com toda família ocorreu para o Rio de Janeiro por força da emigração. Formou-se em engenharia e iniciou-se como escritor, no Rio. Mais tarde, o escritor viveu em Brasília e, como engenheiro, participou diretamente da construção da capital.

Partindo da formulação de um material biográfico a respeito do autor e sobre as transposições urbanas vividas por ele, pode-se compreender o processo de criação de seus contos. A infância de Rawet na pequena cidade de Klimontów, e depois, as experiências da vida itinerante, a grande Rio de Janeiro, e por último, a moderna Brasília não reverteram numa literatura de trajetória topográfica. Situações pontuais como a da perda, da solidão, dos rompimentos, da espera, do isolamento, das lembranças, da rua e do andar, do olhar, observados por Rawet, e colhidos por ele, em espaços urbanos tão diversos foram determinantes da sua literatura. Forças históricas, econômicas, étnicas, sociais que submetiam o homem a determinada condição humana serviram de inspiração à literatura rawetiana. Nos contos, o espaço físico da cidade serviu como lugar de onde o autor em suas narrativas, promoveu, por meio do fluxo de consciência, a fuga para o espaço do conteúdo memorialístico, ou daquele internalizado por sua sensibilidade. Os contos revelam a internalização de ambientes vividos pelo autor e sua preocupação com a vida do outro, isto é, com o homem nas cidades que vai

¹ Doutora em Literatura (UW/Varsóvia/Polônia). Professor-Adjunto na UMCS/Lublin/Polônia. Contato:nklidzio@yahoo.com

conhecendo. Na vida, Rawet foi sujeitado a novas territorialidades que lhe proporcionaram, experiências e leituras da alma, do subjetivo, o seu próprio e do outro.

Para pontuar sobre a infância do escritor, além de pesquisar sobre Klimontów, resgatei entrevistas dadas por Samuel Rawet e publicadas por Flávio Moreira da Costa. Nelas, há alguns registros que ficaram na memória do escritor sobre os primeiros anos de sua vida em Klimontów o que dá a pensar sobre como é possível que as vivências de uma criança, as experiências da infância, se fixem na memória de modo tal que, mais tarde, reacenderão no adulto, seja por atitudes, comportamentos, sensibilidades.

Se Samuel Rawet estivesse vivo, teria hoje oitenta e nove anos. O autor disse: “Nasci em Klimontów, quase uma aldeia...” Esta declaração instigou-me a buscar este lugar: foi lá, na Polônia, em Klimontów, que consegui comprovar a cidade onde nasceu Rawet, no dia 23 de julho de 1929. Encontrei nos livros do Cartório de Registro Civil, o Registro de Nascimento de número 37, de Samuel Urys Rawet (Szmul-Urys) que nasceu no dia 23 de julho de 1929, às 10 horas da manhã. O ato do registro que ocorreu no dia 30 de julho de 1929, informa ainda que o pai Szapsa Rawet, é comerciante, com 38 anos na época, morador permanente no povoado de Klimontów, de religião judaica, e tem como esposa, de 31 anos, de nome Sura-Lai, vinda da família Bokser. O ato foi testemunhado por Zelika Kenigsberg i Berka Freuhl. Esses dados foram registrados em polonês, língua oficial da Polônia e o ato² pode ser conferido na cópia obtida que reproduzo abaixo, como se vê:



Referindo-se ao lugar de nascimento, Samuel Rawet pontua uma margem entre aldeia e cidade, diante do que faz-me perguntar: como pode se formar uma cidade?

² Akta Urodzeń, Śmierci i Zaślubin Klimontowskiego Bożniczego Okręgu, 1929, nr 37.

Conforme as explicações de Weber uma cidade pode ser fundada a partir da existência de algum domínio territorial prévio, como por exemplo, uma sede de principado. Mas, também pode surgir no sentido *econômico*, no caso, quando há uma demanda de mercado local, com produtos que os habitantes da *localidade* e a dos arredores produzem e disso se satisfazem de uma parte e, de outra, os colocam à venda. Então, a cidade, tem aqui o sentido de *local de mercado* e se apresenta com uma estrutura diferente do campo. (WEBER, 1979 p. 69-71)

Klimontów, cuja origem remonta o século XIII teve, no decorrer de sua história, as duas características. Inicialmente e, na sequência dos séculos, o domínio territorial foi de extirpes da aristocracia rural. Nela, foram se estabelecendo os mercados periódicos e as feiras anuais onde se reuniam comerciantes locais e os mais distantes, os artesãos, gerando com o tempo a necessidade de sediar serviços, tributos, que justificava-se-lhe o estatuto de cidade, mesmo que a dimensão era “quase uma aldeia”, uma cidade-povoado, lembrada por Rawet:

Nasci em Klimontów, quase uma aldeia... há alguns quilômetros de Varsóvia...Lembro alguma coisa da cidade, do inverno, da vida religiosa, lembrança de convivência com parentes, lembrança inclusive de um mundo que praticamente não existe mais, e que mais tarde veio a me interessar por ser um mundo – não sei bem localizar – da Idade Média ou do século XVIII ou XVII. (COSTA, 1972, p.16-17)

Com o tratado de cidade onde se efetuavam atividades mercantis, uma população de pessoas livres foi se estabelecendo nela, aos poucos. Era-lhes concedido o privilégio que os caracterizava como moradores. Klimontów abria-se para o mundo e tornava um atrativo para a chegada e fixação dos judeus, que somarão maioria populacional, como declarou Samuel Rawet:

A cidadezinha era praticamente de judeus poloneses (...) meus pais eram judeus de pequeno comércio, muito pobres(...). Ainda guardo lembranças da Polônia. Comecei a estudar muito cedo, como era comum numa cidade pequena da Europa Central. A escola funcionava ao lado da sinagoga. O primeiro alfabeto que aprendi foi o ídiche (...). Aprendi a rezar, alguém me traduzia a frase toda, a prece, o versículo, qualquer coisa assim. (COSTA, 1972, p.16-17)

Apesar de somar anos de história, de um número razoável de população, e muitas iniciativas de ingresso na modernidade, Klimontów não se desvinculava de sua característica aldeã e rural. Distante do progresso e da prosperidade, chegava assim ao

período que antecedia da Segunda Guerra Mundial com todas as ameaças a que estariam sujeitas as cidades de essência judaica. Todas as esperanças se diluíam e a população via na emigração a saída para uma vida melhor. Foi justamente na década de 30 que a família Rawet rompeu sua história e rumou da Polônia para o Brasil. Rawet depõe sobre essa primeira experiência de desterritorialização, guardada em sua memória:

Eu tinha uns quatro anos quando meu pai veio aqui pro Brasil. Nós ficamos lá, esperando, só vindo mais tarde, quando eu tinha sete anos.(...)

Nossa situação lá era simplesmente péssima: vivíamos à espera de uma passagem para o Brasil. Meu pai já estava aqui, eu só cheguei em 1936. Não me lembro, não vou dizer que saímos de lá por causa da guerra, aliás, foi antes da guerra, mas o fluxo de emigração dos países da Europa Oriental para a América foi bem forte nessa época. E provavelmente nós chegamos com essa leva. (COSTA, 1972, p.16-17)

Verifiquei detalhes relacionados ao traslado, graças a Mindla Rawet, irmã de Samuel que, para meu uso, concedeu-me de seu arquivo particular, uma cópia das páginas do passaporte Pl 11/46/36, emitido em Sandomierz, em 15 de junho de 1936, pertencente a mãe, nascida em 1898, chamada Sura Rawet. Confere-se nele, a cidadania polonesa dos Rawet e a residência em Klimontów. Na página 2, estão os nomes dos três filhos, data de nascimento e sexo: o de Samuel, Szmul Urys 1929 masculino; sua irmã, Mindla 1931 feminino; e o de seu irmão, Charriel 1926 masculino. Na página 3, a foto dos quatro emigrantes. Providenciado objetivando, especificamente, a emigração para o Brasil, a saída da Polônia, deu-se pelo Porto de Gdynia, no dia 1 de julho de 1936 e, a chegada no Brasil ocorreu no dia 20 de julho de 1936, confirmado na página 18, o visto de desembarque no Porto do Rio de Janeiro.



A família de Samuel Rawet ligou-se ao grande fluxo imigratório de judeus russos, poloneses e alemães entre 1920 e 1940, que entraram no Brasil. Tanto na urbe de procedência quanto na de instalação, Rawet teve a infância marcada de dificuldades e rodeada de pobreza. Durante os quinze anos que seguiram, até 1952, a família residiu em bairros suburbanos do Rio de Janeiro, inicialmente foi no subúrbio da Leopoldina, na rua das Andorinhas onde se situava a primeira morada da família, entre Ramos e Olaria, É lá que Rawet começou a estudar, num Colégio judaico que, posteriormente continuou no Colégio Chile, em Olaria. Seguiu no Ginásio, de Santa Teresa. Na infância pobre, trabalhou ajudando seu pai e irmãos na atividades de judeu da prestação e depois no comércio de móveis. Residiu também em Bonsucesso. Terminou a escola média, no Colégio Brasileiro de São Cristóvão e em 1949, Samuel Rawet ingressou no ensino superior na antiga Escola Nacional de Engenharia a atual, Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição conhecida pela tradição de ter formado os primeiros e famosos engenheiros brasileiros. Acabou os estudos em 1953, titulando-se Engenheiro de Cálculos em Concreto Armado. No Rio de Janeiro marcado por uma infância pobre, emergiu para a profissão de engenheiro e ao círculo intelectual brasileiro. Em 1954, Samuel Rawet integrou a Equipe do escritório chamado NOVACAP - Companhia urbanizadora da nova Capital, ao lado de nomes como o do pernambucano, também poeta e engenheiro, Joaquim Cardozo, de Victor Fadul, do arquiteto Oscar Niemeyer, e de Lúcio Costa, atuando no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Seção de Concreto Armado.

Rawet iniciou-se na vida cultural no Rio de Janeiro com os experimentos na área do teatro, em ensaios, resenhas de crítica teatral, artigos e contos. Lembra: “Comecei a escrever para teatro aos 16, 15 anos, quando passei a ver teatro. Eu vinha do subúrbio e descobria a cidade”. Na contística, Rawet estréia em 1949 e *Contos do Imigrante*, foi seu primeiro livro no Rio de Janeiro, publicado pela editora José Olímpio. Seguiu publicando, posteriormente, quando atendendo as exigências e responsabilidades de seu trabalho, Rawet, engenheiro e escritor, transferiu residência para o centro do país.

O segundo ponto de reflexão que pretendo realizar através deste artigo refere-se a opção pela temática da cidade que se pode encontrar na contística rawetiana. A leitura os contos nos permite um novo pensar sobre a cidade. Para Rawet o homem é o ponto

de partida, as relações deste com o seu consciente, com as outras pessoas e a sua inserção no contexto da sociedade. Atento para o fato do autor ter produzido num momento em que a sociedade se constituía, mudava ou se generalizava em consequência do processo de urbanização do mundo, isto é, a sociedade mundial passava a ter uma característica de sociedade urbana, e, este é o momento que também passamos a tratar como pós-modernidade. A sociedade inteira tendia ao urbano. Na pós-modernidade o homem é colocado numa relação de espaço-tempo. Assim, para entender a pós-modernidade o tempo já não basta como elemento definidor das relações sociais e sim, temos que partir nossas análises no campo do espaço.

O homem pós-moderno não é estático, e sim, desterritorializado, em deslocamento. Assim, a leitura de Rawet nos permite a reflexão sobre a cidade, sobre o modo pelo qual se realiza a vida na cidade. Mas, com Rawet percebemos que o espaço urbano deixa de ser uma localização de fenômenos, como indústria e outros, isto é, uma localização da materialização da presença do homem e passa a ser um espaço revelador do sentido da vida humana em todas as suas dimensões. Assim, ao ler Rawet vimos a impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade. E, buscando os lugares que a cidade possui encontramos na vida cotidiana as diferentes condições humanas em que o ser humano pode se encontrar. Nesse espaço o ser humano é, normalmente, um ser em conflito, em contraste a ideia estereotipada de que o espaço urbano é ideal para a felicidade, como imagem de moderno e progresso, as relações,... Os contos desvendam a infelicidade que reside nos indivíduos urbanos, na vida cotidiana. O cotidiano urbano é invadido por relações conflituosas que geram estranhamento e identidade, como decorrência da destruição dos referenciais individuais e coletivos e, com isso a destruição da identidade, enquanto perda da memória social (e familiar), uma vez que os elementos conhecidos e reconhecidos, impressos na paisagem da metrópole, se esfumam, no processo de construção de novas formas de vida. A perda dos referenciais revela-se no desaparecimento das marcas do passado histórico na e da cidade provocando não só o estranhamento porque as formas de relacionamento mudam constantemente, mas também porque estas produzem as possibilidades que atestam o empobrecimento das relações de vizinhança, a mudança das relações dos homens com os objetos que lhes são próximos e o esfacelamento das relações familiares. A cidade se revela como um espaço amnésico, como comprova o conto *A prece*.

No plano da gestão do espaço da cidade, uma nova reacionalidade se redifine. O espaço da metrópole apresenta um novo modelo de circulação. O aumento da velocidade das comunicações, ligando lugares e pessoas, em rede, e permitindo um acesso mais rápido à informação, produz, contraditoriamente, o espaço do isolamento. Da metrópole cortada por vias de trânsito rápido, se constituem as articulações entre os tempos lentos, rápidos, efêmeros que mediam as relações, determinando a relação continuidade, descontinuidade. Os referenciais se diluem no espaço da metrópole e, com ele, os traços da identidade produzida pela vida de relações entre os homens. Nesse sentido, esse processo cria relações vazias produzindo o estranhamento. Estranhamento porque a rapidez das transformações, na metrópole, obriga as pessoas a se readaptarem, constantemente num espaço sempre cambiante. São algumas pontuações que podemos verificar nos contos, como *O profeta*. Nesse espaço a vida cotidiana é permeada pela mercadoria e pela recusa do outro. O objeto triunfa sobre o sujeito, assim é a nova urbanidade. O contexto das relações entre as pessoas passam pela simples posse da riqueza. O uso do espaço urbano é definido também produto de consumo, pelo discernimento entre centro-periferia, revelando também a tendência à destruição das condições de realização da sociabilidade pela tendência à eliminação do encontro, submetido cada vez mais à mercadoria. São algumas reflexões que podemos extrair da leitura de *O Profeta* e outros contos.

A gestão de fachada privilegiando áreas da cidade, abrindo e cuidando das avenidas, destruindo os bairros acentua a desigualdade entre os habitantes, desvalorizando bairros, não atentando às favelas, revela a política urbana não voltada para uma prática social. Revela ainda, o habitante como usuário de serviços, de bens de consumo. Este é resultado de uma ideia simplificada de planejamento urbano.

Estas e outras, são pontuações pretendidas na constância rawetiana no intuito de revelar as contradições que dão um novo conteúdo ao processo de urbanização, hoje. Apontam a contradição entre integração (da cidade na economia mundial) e a desintegração da vida cotidiana pelo empobrecimento das relações... a transformação que produz a queda dos referenciais e, com eles, uma crise persistente de identidade. O conto *Judith* evidencia claramente tais contradições, principalmente se percebermos dois pólos numa mesma família – Judith e sua irmã – o abismo que as separa é deslocamento favela-centro.

Assim, o conteúdo da prática humana no espaço urbano nos mostra que vivemos uma crise da cidade. Pode-se dizer que nesse espaço vivemos o aprofundamento dos processos de segregação urbana. O espaço urbano como espaço da reprodução do capital ou da dominação do estado esvazia o sentido da vida humana. A realidade urbana nos coloca diante de problemas cada mais complexos. A cidade como obra da civilização em contraste a gestão de problemas humanos, e de uma vida mais humana. Com pontuações assim, que o mundo pós-moderno pode ser desvendado nos contos de Rawet através da revelação da vida humana na cidade. Nos contos a narrativa quase se desfaz e somos levados a refletir sobre modelos de comportamento, sistema de valores e, a análise da cidade se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade.

Samuel Rawet nos mostra a degradação de formas e relações na cidade e aponta a cidade como um espaço que precisa de ser repensado para que o homem possa viver em equilíbrio. Ele nos desafia a um novo pensarmos o urbano.

Nos conto, a rua aparece sempre como um elementos dos mais importantes mas sempre na perspectiva como um elemento revelador a partir do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como, através dela desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência e de vida pois marca a simultaneidade do cheio e do vazio, dos sons e ruídos; das temporalidades diferenciadas. O andar dos personagens nas ruas, a linearidade narracional se rompe e dá lugar ao fluxo da consciência, ao pensar. E o leitor, assim, pode-se ler a vida cotidiana dos urbanos apresentados: - seu ritmo, suas contradições, - os sentimentos de estranhamento, - as formas como se tocam mercadorias, - o modo como a solidão desponta, - a arte da sobrevivência, omeninos de rua, os mendigos, as vitrines, o contraste das construções, das suas formas, usos, cores, as imagens dos out-doors e luminosos que ocupam o olhar. Em Rawet, no geral nas ruas os homens não fazem mais do que passar e pensar.

A contística rawetiana é caracterizada pelo esfacelamento da narrativa: não há ordem, não uma composição dos elementos. A fuga da linearidade é proposital pois em tais fragmentações que a leitura nos apresentar a cidade composta de universos humanos com seu subjetivo também esfacelado. É o subjetivo humano que se desvenda e os contos são um convite para o pensar, para o debate. O leitor sai com a necessidade de

refletir sobre as contradições que estão postas no mundo moderno e que emergem, com toda a sua força, principalmente nos espaços da metrópole. Assim, pensar a cidade e o urbano significa pensar a dimensão do humano e a sua constituição.

As tônicas e temáticas comuns muito frequentes nos contos, e que muitas vezes, intertextuam, temos a solidão urbana presente em *O Profeta*, *Judith*, *Gringuinho*, *Réquiem para um solitário*, *Consciência de mundo*, *Salmo 151*, *Conto de Amor Suburbano*. Já o bairro pobre aparece nos contos *Judith*, *Gringuinho*, *Canto Fúnebre de Estêvão Lopes Albuquerque*, *Conto de Amor Suburbano*. Dramas sofridos resultantes de problemas em se expressar na língua aparece nos contos *A prece*, *Gringuinho*. A enfermidade como situação que põe o indivíduo à margem é o ponto de reflexão maior nos contos *Réquiem para um solitário*, *Consciência de mundo*, *Salmo 151*. Mostrarei a seguir, algumas ocorrências em alguns contos presentes em *Contos do Imigrante* (RAWET, 1956)

No conto *Judith*, o medo é o sentimento que domina na personagem. *Judith* tem medo do reencontro com a sua irmã que, apesar dos laços étnicos a diferença que se estabelece e que distancia ambas é a diferença social. Essa distância social foi criada em consequência do casamento. *Judith* casa com um pobre que a leva ao subúrbio e a joga numa outra realidade, ou seja, *Judith* vive uma outra condição social. A sua irmã por sua vez tem a garantia de todas as comodidades e estabilidade social que um bom casamento lhe garante. Inicialmente, *Judith* sofre a exclusão de seu grupo familiar porque casa com um *goy* que não é da sua origem étnica. Tem, então, a rejeição familiar. Nesse fato é que se avulta o grau de intolerância em sua família e acontece a ruptura das relações de afeto. Mas essa não é a única leitura que Rawet nos permite neste conto. Em consequência desse casamento vem a exclusão social: a vida no subúrbio. E, é aí que a intolerância se concretiza na não aceitação da classe baixa entre os familiares: “Quando a noite ele a conduzira para o subúrbio sabia que uma rutura se tinha processado, e por mais ânimo que se tivesse imbuído não pôde conter o choro amargo, de quem, apesar de convicções, trazia em si e fazia romper todo um lastro de afeições” (p.32). O que doi em *Judith* é o rompimento dos laços com a família. Para ela, não houve o rompimento com as origens: “Quando se resolvera unir com outro que não de sua raça tinha a perfeita consciência do ato, que não representava uma total renúncia à sua origem”. (Idem). Tal renúncia não se

dá em Judith pois quando tem que decidir pelo futuro do filho, então com dois meses e meio, considera-o “sem raízes” pois, já com o pai morto; resolve levá-lo à circuncisão. Tinha a certeza de que a atitude do casamento não a afastara da origem e sim das pessoas.

Mas em Judith o drama só acontece quando o marido, que representava a “segurança e firmeza” já não vive. Judith após um mês da morte deste, com o dinheiro esgotado se vê à margem das necessidades. Os amigos do marido já deram a solidariedade cotizando dinheiro com o que pode viver o mês que se seguiu à morte. Vê na irmã a possibilidade de socorro e ajuda. Mas como irromper a distância que as separava. Elementos, como o trem-apertado, o elevador, que aparecem no diálogo curto de perguntas e respostas breves, quase vazio, entre as irmãs revela o vácuo que existe entre suas vidas. O bonde, o elevador são meios que trasportam o espaço mas a distância social que Judith tem consciência quando vê seu próprio sapato com as biqueiras desgastadas e salpicados de barro denunciando o beco em que mora. Também a reação de ter consciência ao retirar os pés do tapete, da residência da irmã, com receio de sujá-lo.

O medo que domina Judith é sinônimo de timidez pela consciência de sua condição social. Mas, a visita à irmã serve para que Judith reencontre a sua origem: o retrato dos pais, as lembranças da infância com a irmã lhe dá a certeza de que ninguém pode usurpar-lhe sua origem étnica, e de seu filho. Assim, neste conto o autor explora com a questão da volta às origens mas, o acento que predomina é a força do fenômeno da exclusão (social) no contexto urbano.

Já no conto *Gringuinho* temos uma exposição do fenômeno da discriminação que ocorre no grupo infantil, na escola, e que passa indiferente pelo adulto. Há um flashback no drama do menino, entre dois momentos: o passado do menino, numa aldeia da Polônia e o presente, no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. O bairro pobre é o espaço urbano do presente que se percebe em passagens como: “Os pés, (...) cortavam o barro”- isso prova de que a rua não possuía calçamento. (p.44) Outro, no caminho para casa o menino passa por “terreno baldio”, lugar em que meninos de subúrbio, costumeiramente brincam. O fenômeno da discriminação ocorre pelo fato de o menino ser diferente filho de imigrantes, de não dominar a língua, de não se adaptar ao novo grupo de meninos. O sofrimento do menino é solitário e aí se delinea também a solidão

infantil mesmo no lar, na presença física da mãe, o menino sofre solitariamente, pois esta envolvida na casa, no cuidado do irmão menor, não interrompe a sua atividade de preparar a comida para observar ou dar atenção ao menino. A realidade de subúrbio também aparece no fato de a mãe encarregar o menino de ir ao armazém, buscar cebolas; comum nas famílias pobres as crianças exercerem atividades que seriam de adultos. A diferença étnica do menino é também registrada em alguns detalhes específicos de sua família: "a mãe de lenço" – usar lenço e uma característica étnica da roupa-judeu polonês; "estaria descascando batatas ou moendo carne", (p.45) muito próprio da culinária do leste da europa.

No conto Réquiem para um solitário é possível ver o relacionamento entre as pessoas que vi em sob um mesmo teto na cidade ligadas por um negócio comum mas que são estranhas a si. Elas possuem linguagens desencontradas devido ao fato de não conhecerem o passado um do outro.

O contexto urbano permite que as pessoas se liguem a si mas que, ao mesmo vivam solitariamente o seu passado. Como o ambiente da cidade grande não permite a segurança de relações legítimas, as pessoas não tem como e com quem dividir os seus medos, anseios, remorsos, imagens e até percalços ocorridos na vida passada e que ocupam espaço na consciência, no presente. Neste conto, temos como exemplo o estranhamento da mulher provocado pelo desconhecimento passado do outro, que leva ao desagregamento do casal.

Por último, no conto o Profeta, Samuel Rawet mescla o passado e o presente. O passado, que é irreversível, oferece na narrativa um sentido novo pois pertence a memória, é o tempo do ontem; que esclarece, elucida, no presente, a trajetória de uma família que cresceu descobrindo e inventando um modo de viver num país que não era o seu. Dessa leitura, extrai-se o drama individual de um judeu sobrevivente de guerra, do bombardeio e que vem para juntar-se aos familiares anteriormente fixados ao Brasil. Vem com a esperança da acolhida calorosa e com a ânsia de dividir seu passado, suas dores, seus rompimentos. De início, é acolhido com todo o bem-estar possibilitado pela boa condição financeira dos parentes. Mas, logo percebe que o drama pessoal não é coletivo: perdem logo o interesse pelo seu passado, pelas suas histórias: "Por que nos atormenta com coisas que não nos dizem respeito?" Passada a curiosidade inicial vem a indiferença e a ironia e lhe dão o apelido de Profeta. Percebe, então que a realidade

dos que aqui encontra é outra: “A buzina dos automóveis chama para a realidade que está no macrocosmo: a cidade. A vida continua.” O personagem entra num estado de isolamento interior a refletir e a tirar suas conclusões: “Cegos e surdos na insensibilidade e auto-suficiência !” O trajeto da rua, no ir e voltar da sinagoga, torna-se o espaço do recolhimento, do encontro consigo mesmo. O passado, a história individual não interessa no ambiente urbano do presente, que se reflete no ambiente familiar. O Profeta encontra a solução para seu drama e para a sua decepção: a tomada de decisão pela volta. “No caminho admirava as cores vistosas das vitrinas, os arranha-céus....” decide retornar para a cidade destruída de onde veio: “De longe o buzinar de automóveis a denunciar a vida que continua na cidade que estava agora abandonando.(...) O que lhe ia por dentro seria impossível transmitir no contato superficial que iniciara agora.” (pp. 9-15)

Concluindo, pontuo que o contato com a contística produzida por Samuel Rawet, de característica hermética, difícil, incompreensível, estranha, representa sempre um desafio ao leitor para a descoberta da sua riqueza literária a qual só será possível com leitura criteriosa, não superficial, a fazer sempre com uma postura de reflexão. Compreender a condição humana de uma itinerância urbana pessoal e artística foi apenas uma das formas de olhar para a sua obra.

Referências

COSTA, Flávio Moreira da, Samuel Rawet Depoimento a Flavio Moreira da Costa, “Correio da Manhã, nr. 34 de 18.06.1972, pp.16-17.

KLIDZIO, Natalia, Itinerário urbano na vida e obra de SAMUEL RAWET. Passo Fundo:Ed.Universidade de Passo Fundo, 2010.

RAWET,Samuel, Contos do imigrante, Rio de Janeiro,: José Olímpio, 1956

WEBER, Max, “Conceito e categoria da cidade.” Trad. Antônio Carlos Pinto Peixoto, In:*O Fenômeno Urbano*, (org.) Otávio Guilherme Velho, 4ª. ed., Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1979. pp. 69-71,